



ESPECIAL

# ECONOMIA CIRCULAR

## Um novo paradigma para os desafios atuais

**ÂNIA ATAÍDE**

aataide@jornaleconomico.pt

Redução, reutilização e recuperação. São estas as palavras-chave para descrever aquele que deverá ser o novo paradigma: a economia circular.

Em oposição ao atual modelo de economia linear, a economia circular consiste em reduzir, reutilizar, recuperar e reciclar os materiais que utilizamos. O objetivo é sobretudo diminuir o consumo de recursos, através do reaproveitamento dos resíduos e das matérias primas não aproveitadas, à luz da velha lei “nada se perde e tudo se transforma”.

Numa era em que a Humanidade leva ao limite a capacidade de produção de recursos do planeta, a economia circular é vista, cada vez mais, como uma solução para um futuro mais sustentável.

Em declarações ao Jornal Económico, a especialista em sustentabilidade Sofia Santos defende que esta pode ser uma oportunidade para a economia portuguesa. “É necessário criatividade e

também acesso a financiamento que consiga avaliar corretamente o potencial destes novos negócios”, diz.

Em Portugal, há cada vez mais empresas a integrar elementos de sustentabilidade nas suas gestões. Da banca ao retalho, passando pela energia, são vários os exemplos de empresas que abrem o trilhão neste sentido (ver páginas 6 e 7). No entanto, persistem alguns obstáculos. Sofia Santos reconhece os avanços na economia de partilha nos últimos anos, mas defende a importância de alterar

a atual “cultura consumista”.

É também neste sentido que realça “a necessidade de escalar o conceito de design circular para todos os bens”. O objetivo é que todos os produtos que consumimos sejam pensados e feitos de forma a respeitar os princípios da economia circular.

Neste xadrez há assim um conjunto de fatores que se devem interceptar, tais como a necessidade de estabelecer parcerias, alterar modelos de negócio e alterar o acesso a financiamento.

“Há dificuldade em obter finan-

ciamento junto de investidores e banca tradicionais uma vez que se tratam de modelos de negócio novos, com pouquíssimo histórico e que, como tal, trazem níveis de riscos elevados quando são analisados de forma tradicional, sendo necessário também desenvolverem-se modelos de análise apropriados a estes negócios circulares”, referiu. A chave pode estar na alteração da regulação, mas com o movimento ainda no início, a dificuldade surge em saber legislar o que se encontra “na zona de fronteira”. ●

ENTREVISTA NUNO LACASTA Presidente da Agência Portuguesa do Ambiente

# “Sistema fiscal deve incentivar economia circular”

Critérios de avaliação do preço de bens e serviços devem incluir o impacto no meio, defende Nuno Lacasta, presidente do regulador. Financiamento público e privado deve refletir estas preocupações.

ÂNIA ATAÍDE  
E ANTÓNIO SARMENTO  
aataide@jornaleconomico.pt

## Quais são os principais desafios da economia circular?

O planeta não gera recursos suficientes para sete mil milhões de pessoas, a caminho de nove mil milhões, a consumirem ao ritmo a que estamos a consumir hoje em dia. Vamos ter necessidade imperiosa de reutilizar, de redesenhar os recursos que utilizamos, os materiais que utilizamos no dia-a-dia. Isto tem de ser visto como uma oportunidade. Pensando nos objetivos mais específicos, diria que é este: o resíduo é uma matéria-prima fora do sítio. Temos de começar a olhar para os resíduos como materiais que são potencialmente reintroduzíveis na economia. Outros claramente que não, por serem muito perigosos ou muito tóxicos e têm de ser eliminados.

## Como por exemplo?

Há mais ouro hoje em dia nos aterros do que nas reservas conhecidas. Vamos ter o dever de ir literalmente aos aterros de resíduos buscar ouro para utilizar desde logo nos telemóveis. Por exemplo, o Tesla, o carro elétrico, o design do carro tem-se mantido desde o primeiro momento. O que é que muda? O *software*. Só a mudança de *software* do Tesla faz com que possamos ter basicamente um carro novo de dois em dois anos. A forma como olhamos para os produtos e depois para os serviços que são gerados à sua volta é muito importante. Também a digitalização da sociedade faz com que tenhamos menos oportunidades de utilizar menos materiais concorrentes nesta vida de interface que constantemente vivemos. Se é certo que temos muitos desafios e de dependência, no que diz respeito à utilização de materiais podemos e devemos utilizar materiais menos poluentes e mais reutilizados as vezes que forem necessárias.

## De que forma é que a economia circular pode representar uma oportunidade para a economia portuguesa?

Diria que temos uma oportunidade sobretudo em economias como a nossa, que faz parte do contexto da OCDE, dos países mais desenvolvidos, de darmos um novo impulso a políticas industriais. Sabemos bem que as economias da OCDE têm vindo a perder competitividade para os produtos clássicos, os tais de produzir, fazer, descartar e deitar fora. Mas porque é que as economias dos países desenvolvidos têm aqui uma oportunidade? Porque é uma economia de valor acrescentado, de inovação, de *know how*. A economia circular assenta em grandíssima medida na inovação. É preciso ter uma sofisticação muito grande do ponto de vista tecnológico e de materiais para poder pegar no telemóvel, abri-lo, decompô-lo, pegar naquilo que seja reutilizável, dispormos daquilo que seja perigoso. Tudo isso requer sofisticação do ponto de vista de tecido científico, laboratórios públicos ou privados de investigação e desenvolvimento, sistema financeiro e, obviamente, em geral, o mercado dos consumidores.

“

Não temos leis para a nova economia circular, no sentido, em que não sabemos o que vamos gerar com produtos ou serviços

## Que incentivos podem impulsionar esta transição?

O SIFIDE (Sistema de Incentivos Fiscais à I&D Empresarial) e o FITEC (Fundo de Inovação Tecnologia e Economia Circular) são duas medidas que existem em Portugal. Tudo isto se relaciona muito com a inovação e com as novas formas de fazer negócio. Diria que os princípios para isso são princípios de inovação, de experimentação, de colaboração. O facto de podermos utilizar e de fazer estes laboratórios vivos fomentando cada vez mais colaboração entre o tecido empresarial, as universidades e laboratórios e o próprio Estado é imprescindível para a economia poder ser circular e não linear, como é atualmente. É a única forma de as sociedades readquirem competitividade. É com soluções colaborativas que criamos valor com produtos ou serviços que depois são vendáveis, replicáveis.

## Nesse sentido, é importante também alterar a regulação?

A regulação clássica é uma regulação de imposição ou de receber informação de uma empresa ou de um particular e ver em que medida é em conformidade com a lei. Não temos leis para a nova economia circular, no sentido em que não sabemos o que vamos gerar com produtos ou serviços.

## Qual poderá ser, então, o papel do SIFID e do FITEC?

São instrumentos financeiros de apoio que começam a dar os primeiros passos nesta área da eco-inovação. Criámos uma iniciativa já há uns anos precisamente na área da eco-inovação e estamos a aprender com os projetos que vão chegando. Em Portugal existe massa crítica e *know how* para a inovação.

Um dos principais problemas apontados é o custo de reintrodução de matérias-primas na economia. De que forma é que se pode minimizar estes custos?



Hoje em dia achamos que é gratuito dispormos dos bens que consumimos, simplesmente porque muitos deles são largados no bem público, que é o nosso ar ou a nossa água. O que temos de fazer é dar o preço aos bens e aos serviços que consumimos para refletirem o verdadeiro impacto no meio. Mas há uma coisa que é muito importante: a tendência das matérias-primas é de subida de preço e esse é um sinal que vai ajudar. Por outro lado, as preferências dos consumidores estão a mudar. Estão a compreender que a ingestão, por assim dizer, de micro substâncias tem impacto na saúde. Por ter esse impacto os consumidores ajustam as preferências. A questão do preço é fundamental e decisiva. No entanto, estou convencido que o impacto da digitalização também vai ajudar a baixar o preço relativo aos materiais. Temos hoje tecnologias que nos permitem retirar materiais que ainda há quatro ou cinco anos eram impossíveis de retirar.

**É importante ter um marketplace onde a oferta e a procura destes materiais se possam encontrar?**

Estou em crer que sim. Aliás, em Portugal está a estudar-se precisamente a criação de plataformas de transações comerciais ao abrigo da economia circular, para podermos ligar produtores e consumidores. Ainda está em fase de estudo, mas achamos que pode vir a ser um instrumento útil nesse sentido. Quando falamos de economia circular não falamos só de resíduos, mas de materiais que têm potencial de regressar à economia. Esta ideia é muito importante. Significa que a formatação desta plataforma terá que ter isso em conta e que temos de ser mais ágeis e cobrar menos pela desclassificação de resíduos para se tornarem matérias-primas. É burocrático, sendo até que parte da burocracia não resulta de Portugal, mas sim de normas europeia de diferentes países.

**Quais têm sido os principais obstáculos a esta transição de uma economia linear para circular?**

O primeiro é claramente a compreensão do que é que se trata quando falamos em materiais que possam ser reintroduzidos, que possam ser reutilizados, que possam ser redesenhados até. Portanto, é importante ir informando as pessoas, os diferentes agentes da existência destes materiais. É por isso que em Portugal se criou, creio que estamos a ser pioneiros nesta matéria, um portal – o Eco.nomia – de *showcase* das experiências da economia circular e circularidade de um conjunto de empresas, entidades e países, assim como de algumas multinacionais e empresas estrangeiras que operam em Portugal. Há

questões de financiamento, obstáculos que temos de trabalhar. Nos produtos, bens e serviços clássicos são identificáveis quem é o dono e como é que ele é transaccionado. O seu valor está pré-identificado, mesmo que decorra da oferta e da procura. Na economia circular vamos ter aqui temas muito interessantes porque é uma nova economia num certo sentido. Estamos a falar de materiais que vão ter um valor que vai mudando na cadeia de valor à medida que vai sendo transmitido e pode ser que faça sentido que a última transação gere valor para o primeiro agente que colocou este produto no mercado. A forma como se partilha o *upside* é um tema que está a ser debatido no âmbito da economia circular. Temos bancos internacionais, que têm equipas inteiras a debater esta matéria porque a própria forma de financiamento de uma cadeia de valor desta natureza é muito distinta daquela que é a tradicional. Há barreiras também ao nível da escala de tempo e da forma como olhamos para o produto e para os serviços, ou seja, estamos muito habituados a olhar para o produto que temos à frente e esquecemos que há todo um ciclo de vida. Podemos olhar para os produtos como um elemento num ciclo de vida. É muito, muito im-

portante. Temos também de quebrar outras barreiras, como a obsolescência programada. Muitos produtos que consumimos hoje em dia, como telemóveis, estão desenhados para não durar dez anos. São desenhados para durar porventura três anos. Há aqui um trabalho com a indústria de vários segmentos para esticar mais a vida dos produtos. As preferências sociais vão ter que mudar. Vamos ter também que fazer um trabalho de sensibilização coletiva, no sentido de as pessoas considerarem que é importante terem produtos que durem mais tempo e que contenham materiais que são reintroduzidos no processo económico.

**Mas já se verificam mudanças na preferência dos consumidores?**

A preferência do consumidor está a mudar. O facto de a mobilidade e de as preferências da mobilidade estarem a mudar influencia este debate. Os *millennials* e as gerações sucessivas, com toda a probabilidade, não vão ter carro próprio, por exemplo. Há uma série de matérias que estão a mudar e é fascinante. Estamos a todos os níveis na nossa sociedade no advento de uma nova era de consumo e de produção.

**É necessário alterar os critérios de financiamento para que sejam incorporados os objetivos da economia circular?**

Temos que aprender todos a olhar para o ciclo de vida de um determinado produto e só assim é que sabemos o que estamos a apoiar do ponto de vista do financiamento, seja público, seja privado. Nesse sentido também temos de colaborar, entidades públicas com a banca, no sentido de identificar o serviço, o valor associado à circularidade.

**A banca tradicional está disponível para estas alterações?**

Está no início, até porque este movimento está no início. Na Europa, a economia circular tem hoje uma expressão muito interessante em países como a Holanda e a Alemanha. Creio que, no sul da Europa, Portugal tem liderado. A banca, o sistema financeiro e o sistema fiscal claramente estão no início de uma conversa que vamos ter que fazer. O sistema fiscal também tem que começar a ser direccionado, como já o foi tantas vezes no passado, para apoiar, incentivar, para o consumo de bens ou de serviços mais associados à circularidade. ●

PUB



## SOLUÇÕES PARA A ECONOMIA CIRCULAR

- FORMAÇÃO EM ECONOMIA CIRCULAR: CONCEITOS, POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS
- FORMAÇÃO EM GESTÃO DE RESÍDUOS NAS ORGANIZAÇÕES
- CERTIFICAÇÃO CRADLE TO CRADLE

808 200 747  
PT.INFO@SGS.COM  
WWW.SGS.PT

SGS

## SUSTENTABILIDADE

# Empresas nacionais dão passos para reduzir desperdício

Cada vez mais, as empresas procuram deixar padrões de consumo insustentáveis e passar a adotar um modelo circular, em que nada se perde e tudo se transforma.

**JOANA ALMEIDA  
E RODOLFO ALEXANDRE REIS**  
jalmeida@jornaleconomico.pt

Os recursos materiais existentes no planeta Terra não são suficientes para, a longo prazo, darem resposta à elevada demanda humana e aos desastres provocados pelas alterações climáticas. Neste sentido, a economia circular, que visa maximizar a utilização dos recursos e evitar o desperdício, constitui uma forma de dar resposta a este desafio, representando também uma oportunidade para as empresas encontrarem novas formas de criação de valor.

O Jornal Económico contactou várias entidades que têm vindo a desenvolver mecanismos que promovam uma mudança de comportamentos para reduzir o consumo insustentável e acabar com o desperdício, visando igualmente a consciencialização da sociedade para aquele que é um problema global (ver caixas neste artigo e fórum nas páginas 6 e 7). Empresas como a Sonae MC, Crédito Agrícola, Veolia e AEPESA – Associação das Empresas Portuguesas para o Setor do Ambiente têm vindo a desenvolver projetos na área da economia circular, com o objetivo de criar um modelo económico reorganizado, tendo como base o princípio da reutilização das mate-

rias primas. Isto porque o atual modelo económico de ‘extrair, transformar e descartar’, característico de uma economia linear, deve conhecer limitações muito em breve e é necessário inverter essa tendência através da adoção de um modelo económico sustentável, que permita a melhor coordenação entre os sistemas de produção e de consumo.

Mas passar de uma economia linear para um modelo circular não é tarefa fácil e exige um trabalho contínuo de reutilização e reciclagem, sempre com uma visão a longo prazo. A ideia é que, com os excedentes da produção se construam novos materiais, que possam regressar ao mercado para serem comercializados, sem que percam o seu valor comercial e mantenham as suas condições de consumo. Ao mesmo tempo, a reutilização dos excedentes permite às empresas reduzir a percentagem de desperdícios e, desta forma, contribuir para um ambiente menos poluído, mais sustentável e com melhores perspetivas de futuro.

Entre as empresas contactadas pelo Jornal Económico, destacam-se projetos como o da Sonae MC que, a partir dos excedentes alimentares dos hipermercados Continente, se tem dedicado à produção de uma gama de doces e *chutneys*, baseados na ideia basilar de que, “na economia circular, nada se perde e tudo se transforma”. Já o Crédito Agrícola tem vindo a defender a ideia de que os bancos têm, neste setor, um importante papel, ao impedir que se cometam crimes ambientais ao não financiar empresas que não cumprem certos critérios que têm em vista a sustentabilidade dos recursos existentes.

Ainda no que toca à economia circular, a AEPESA tem como principais objetivos o aproveitamento de mate-

riais reutilizáveis e recicláveis, o aproveitamento e produção de energias renováveis, assim como a recolha e tratamento de águas residuais.

Por sua vez a multinacional francesa Veolia aposta, nas suas empresas localizadas em Portugal, na valorização energética de resíduos sólidos urbanos e também na operação e condução de instalações energéticas em edifícios e indústrias, bem como a prestação de serviços de manutenção e otimização do *mix* energético e eficiência energética e ambiental. ●

## 1 SONAE MC É PIONEIRA NO REAPROVEITAMENTO DE SOBRES ALIMENTARES

A sustentabilidade, tal como a economia circular, fazem parte do ADN da Sonae MC. A empresa tem vindo a desenvolver vários projetos, que visam influenciar positivamente os consumidores. A Sonae MC tem projetos de economia circular ao nível dos recursos utilizados na atividade de retalho, como a água, a energia ou os transportes. A empresa foi pioneira no lançamento de produtos feitos exclusivamente a partir de excedentes alimentares recolhidos nas lojas Continente, que retornam sob a forma de novos produtos de qualidade, contribuindo para a sustentabilidade do sistema alimentar. Entre esses produtos destacam-se uma gama de doces e *chutneys* do Panana. O diretor de sustentabilidade/economia circular da Sonae MC, Pedro Lago, explica ao Jornal Económico que estes produtos foram criados numa lógica de sensibilização do consumidor e de combate ao desperdício, tendo até agora “ganhos muito significativos”. “Quando refiro ganhos, refiro-me a ganhos económicos, a impactos muito positivos em termos ambientais e até a ganhos sociais que resultam, entre outros aspetos, da criação de empregos”, sublinha.

A Sonae MC tem também prestado especial atenção aos excedentes da casa-mãe e ao reaproveitamento que



## 2 CRÉDITO AGRÍCOLA QUER B A TRAVAR CRIMES AMBIEN

pode ser dado a esses produtos a fim de se evitar o desperdício. Para tal, a Sonae MC faz doações a instituições de solidariedade social. “Damos nova vida aos produtos que perderam valor comercial, mas que preservam ótimas condições de consumo”, indica Pedro Lago. Os dados da empresa mostram que, só em 2018, a Missão Continente fez doações equivalentes a 11,2 milhões de euros a 950 instituições de solidariedade social (mais 78 que em 2017) e para as áreas sociais das lojas, entrepostos e estruturas centrais, para consumo dos colaboradores durante o período laboral. Além dos excedentes alimentares, a Sonae reaproveita ainda produtos para casa e lar, como têxteis e decoração. A Sonae MC tem ainda procurado eliminar internamente o uso de plásticos descartáveis, garantindo uma utilização responsável deste material. A empresa espera que 100% das embalagens sejam reutilizáveis ou recicláveis até 2025. A Sonae MC tem também procurado encontrar soluções de economia circular em toda a cadeia de valor, desde a produção até ao consumidor. Exemplo disso foi o ciclo de programas “Sabores de Sobra” com o chefe Kiko, focados em receitas de reaproveitamento de excedentes.

O Crédito Agrícola é outra das entidades que tem dedicado alguma atenção à questão da necessidade de serem tomadas medidas para controlar o consumo insustentável dos recursos mundiais. No observatório “Economia Circular: Desafios e oportunidades para a economia portuguesa”, organizado pelo Crédito Agrícola em parceria com o Jornal Económico, em outubro, o presidente do conselho de administração do Crédito Agrícola, Licínio Pina, defendeu a necessidade de a banca estar sensibilizada para estas questões e ter um papel preponderante no controlo dos desperdícios e na promoção da economia circular como uma alternativa à subexploração. O Crédito Agrícola acredita que só a economia circular pode garantir o futuro das gerações futuras e levar à tão necessária redução dos desperdícios, através do reaproveitamento de todos os produtos em fim de vida. Licínio Pina defendeu ainda que “o banco tem aqui um importante papel, ao impedir que se cometam crimes ambientais ao não financiar estas empresas que não cumprem certos critérios”. “Daqui por dez anos, os bancos estarão dotados da capacidade de analisar essas atividades sobre uma empresa”, anteviu, num discurso

**Passar de uma economia linear para uma circular exige um trabalho contínuo de reaproveitamento de recursos, sempre com uma visão de longo prazo**



## ANCOS TAIS

proferido durante o observatório sobre a economia circular. “É preciso que o crédito seja apreciado neste conceito de economia circular e não linear. Temos que olhar em termos de ambiente: o que é que a empresa faz aos seus desperdícios? Reutiliza-os? Simplesmente coloca-os no aterro? Essas questões são absolutamente essenciais para o futuro”, acrescentou. No que toca à sustentabilidade da gestão, o Crédito Agrícola subscreveu, no final de 2017, a Carta de Princípios do BCSD Portugal – Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável, documento que estabelece os princípios que constituem as linhas orientadoras para uma boa gestão empresarial. A carta procura incentivar os subscritores a irem além daquilo que a legislação prevê e adoptam “práticas reconhecidas e alinhadas com padrões de gestão, éticos, sociais, ambientais e de qualidade, em qualquer contexto da economia global”. Entre os princípios presente na carta está a redução do consumo de recursos naturais e a geração de resíduos, maximizando a eficiência dos processos, a reutilização e a reciclagem.

## 3 AEPSA ALERTA PARA O RISCO DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

A Associação das Empresas Portuguesas para o Setor do Ambiente (AEPSA) mostra-se preocupada com o tema da economia circular. “Temo que a economia circular comece a ser um chavão a quem já ninguém liga, mas é extremamente importante”, refere Eduardo Marques. O presidente da AEPSA relembra que a “água que nós temos no planeta é exatamente a mesma que tínhamos no tempo dos dinossauros, mas atualmente está muito pior. Mais poluída e há zonas onde já não existe. É um bem que andamos constantemente a tratar mal”. Para que o rumo deste setor comece a ser positivo, Eduardo Marques considera que “é imprescindível que todas as políticas públicas e privadas tenham um sentimento claro de que o ambiente é para defender e que a economia circular é fundamental para a sustentabilidade futura dos recursos, porque senão os recursos vão acabar”. No ponto de vista das empresas, a “gestão e capacitação” são “uma preocupação dominante em tudo o que nós fazemos. Quer seja na reutilização da água, na eficiência hídrica”. Eduardo Marques acredita que “a boa gestão está na base de uma economia circular eficaz. Até porque,

as alterações climáticas estão aí e vamos ver se conseguimos meter um travão nisto”.

O engenheiro mostra-se otimista para o futuro. “Acho que estamos num bom caminho, mas temos de ser rápidos porque o clima está a dar provas de que não podemos esperar que as coisas se resolvam por si próprias”.

Uma das principais áreas de intervenção da AEPSA passa pela recuperação de produtos suscetíveis de reutilização ou reciclagem, nomeadamente, a transformação e preparação de materiais ferrosos, não ferrosos, papel, cartão, VFV (veículos em fim de vida), e outros materiais passíveis de tratamento.

## 4 VEOLIA APOSTA NA PARTILHA DE CONHECIMENTOS

Para o *country manager* da multinacional francesa Veolia em Portugal, José de Melo Bandeira, o tema da economia circular está a ter um “grande dinamismo”.

O engenheiro assume que, “na verdade, o conceito de economia circular está inerente à missão da Veolia, de conceber, desenvolver e implementar soluções que promovam a gestão sustentável dos recursos nas vertentes da água, energia e resíduos”.

Com várias empresas espalhadas pelo território português, José de Melo Bandeira assegura que projetos não faltam à empresa. “São muitos e sobretudo muito diversos”, até porque, “a economia circular exige um trabalho muito próximo da realidade e das necessidades específicas de cada indústria e de cada cidade e obriga a uma colaboração essencial - os resíduos de uns podem ser os recursos de outros”.

Como tal, a empresa aposta na formação como método para um melhor sistema de economia circular, tendo “nesse sentido, até desenvolvido alguns workshops com empresas que querem implementar um processo ou mesmo um sistema mais global de economia circular, onde a identificação das oportunidades e o estudo de caso é

feito desde o princípio com a nossa participação, com a mais valia que o Grupo Veolia, estando presente em todo o mundo, tem sempre exemplos já concretizados no terreno para partilhar”, refere José de Melo Bandeira.

Desta forma a Veolia já tem “em curso projetos de reutilização das águas residuais e recuperação de nutrientes, de produção de energia a partir dos resíduos/biogás e de valorização de resíduos orgânicos, aproveitamento do biometano resultante de tratamentos anaeróbio para introdução na rede de gás natural, entre outros”, afirma o engenheiro.

O responsável da empresa considera que “a reutilização/reciclagem de materiais em que o plástico é a face mais visível também, assim como de outras áreas que a nossa I&D aplicada se vai encarregando de descobrir num trabalho conjunto com os principais agentes deste setor”.

# POTENCIALIDADES DA ECONOMIA CIRCULAR EM PORTUGAL

A economia circular tem vindo a receber a atenção de várias empresas em Portugal. Mas muitas desconhecem ainda o potencial e as vantagens competitivas para os negócios deste modelo económico que será essencial para atingir as metas governamentais.

## CONSIDERA QUE A ECONOMIA CIRCULAR É UMA OPORTUNIDADE PARA A ECONOMIA PORTUGUESA?



**JOÃO WENGOROVIVUS MENESES**  
Secretário-geral da BCSD Portugal - Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável

A economia circular é não só uma oportunidade para Portugal, como um requisito da sustentabilidade do nosso modelo de desenvolvimento, nomeadamente da implementação do Roteiro para a Neutralidade Carbónica 2050 e do Acordo de Paris, compromissos recentes do Governo português. Em Portugal, a produtividade dos recursos e a quantidade de resíduos produzida por euro de PIB gerado tem vindo a diminuir, mas ainda se encontra abaixo do nível médio europeu, pelo que há bastante espaço para evoluir em eficiência e em circularidade. De acordo com o estudo do BCSD Portugal “Sinergias Circulares – Desafios para Portugal”, de 2018, a indústria transformadora ainda gasta perto de 53% do seu volume de negócios em matérias-primas e despende 40% dos seus gastos com atividades de gestão e proteção do ambiente, no domínio de gestão de resíduos. Incorporar os princípios da economia circular permite mitigar o problema da escassez de recursos e da degradação ambiental, associados ao crescimento económico. O conceito de economia circular não é novo, muitas empresas têm vindo a desenvolver iniciativas no domínio da reutilização de materiais e resíduos, e da análise de ciclo de vida dos produtos. Passar de uma economia linear para uma circular implica ambicionar que os resíduos produzidos pelas atividades económicas sejam nulos. Para isso, grandes mudanças terão de acontecer e será necessário agir em várias frentes. No que diz respeito às políticas públicas, o BCSD Portugal

tem seis tipos de recomendações que acreditamos que poderão acelerar a transição para uma economia circular, designadamente: alterações regulamentares para facilitar a transação de resíduos, promover as compras ecológicas, incentivar o conhecimento nas empresas, facilitar as condições fiscais e de financiamento, promover as plataformas coletivas para gestão de recursos e comunicar os resultados. Já relativamente às empresas, há desafios ao nível do design dos produtos e das cadeias de valor, das tecnologias de suporte, das simbioses industriais, do desenvolvimento de novos modelos de negócio e do desenvolvimento de novas soluções de financiamento. Em 2019, para além do trabalho regular da sua task force para a economia circular, com vista a apoiar as empresas no seu esforço de inovação para a circularidade, o BCSD Portugal irá lançar um *hackathon*, em parceria com a Smart Waste Portugal, através do qual se irão procurar resolver desafios concretos, com recurso a equipas multidisciplinares, compostas por designers, engenheiros, gestores e empreendedores. Acreditamos que economia circular é um desafio imenso que convoca todos e que envolve tecnologia, inovação e novos modelos de negócio.



**ANDREIA BARBOSA**  
Vice-presidente da Circular Economy Portugal

A economia circular oferece uma série de estratégias cuja aplicação pelos diferentes atores económicos (empresas, Estado, terceiro setor, cidadãos) pode resultar não só na redução de impactos ambientais, mas também numa redução de custos, na criação de emprego e na

promoção de maior justiça social. A economia portuguesa é pouco eficiente e produtiva materialmente. A relação entre output económico e input material é baixa, representando pouco mais de metade da média europeia. Há portanto muito a ganhar se alterarmos os processos de produção e consumo por forma a criar mais valor a partir de menos recursos. Veja-se o caso da construção: o setor é responsável por uma grande fatia de importações de matéria-prima, ao mesmo tempo que produz 40% dos resíduos nacionais. O país dispõe de infraestruturas capazes de transformar estes resíduos em agregados inertes que podem ser incorporados em nova matéria-prima para construção. No entanto, esta prática é residual. Aproveitar esta oportunidade de melhoria depende da capacidade de ação dos diferentes atores económicos. No caso citado seria importante uma intervenção legislativa e fiscal do Estado, que poderia também, no recurso à contratação pública, exigir uma taxa exemplar de material reciclado ou reutilizado nas obras que promove. Mas há ainda muito a ganhar noutras áreas: se por exemplo as IPSS partilharem recursos entre si (equipamentos, instalações), realizam poupanças e melhoram serviços. Quando os cidadãos oferecem o seu tempo a iniciativas como a ReFood, reduz-se o desperdício, assim como a pressão sobre os sistemas de gestão de resíduos, ao mesmo tempo que se dá uma ajuda a quem está em situação de precariedade. Escolhemos estes exemplos para frisar que a “oportunidade” da economia circular não é apenas uma oportunidade de negócio, é uma oportunidade para criar uma economia mais harmoniosa, social e ambientalmente. A economia circular seria um conceito vazio se deixado apenas nas mãos do mercado.



**FERNANDO LEITE**  
Administrador-delegado da Lipor – Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto

Para percebermos se a Economia Circular pode constituir uma oportunidade, se é preciso novas tendências de gestão, adotar novos modelos de negócio, teremos de analisar qual o contexto em que nos encontramos. Se tivermos como referencial importantes estudos que apontam para um aumento demográfico na ordem dos 9 a 10 mil milhões de habitantes em 2050, um aumento da extração dos recursos naturais, a redução das matérias-primas críticas e o aumento da produção de resíduos, rapidamente percebemos que há uma necessidade de uma mudança de paradigma. E essa mudança terá de ter como premissa um crescimento económico sustentável que, na nossa perspetiva, só será possível se assente na concretização de estratégias que tenham por base a

manutenção dos recursos o maior tempo possível em circulação e a sua reintrodução na economia, estratégias estas que fazem parte dos Princípios Basílicos da Economia Circular. Se para as Empresas poderá ser um desafio, repensar o seu modelo de negócio? Sim, é verdade, mas não menos verdade é que esta abordagem dá uma vantagem competitiva no seu posicionamento, acrescentando benefícios económicos tangíveis. Mais, se associarmos a Agenda 2030 da ONU, que norteia as prioridades globais de um Desenvolvimento Sustentável, à Economia Circular verifica-se um total alinhamento com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) “Garantir padrões de Consumo e Produção Responsáveis” – ODS 12. É neste alinhamento, bem como tendo por base o trabalho que a Lipor tem tido nesta matéria, que estamos certos em dizer que a Economia circular é “A” oportunidade para a economia portuguesa.



**JOSÉ DE MELO BANDEIRA**  
Country Manager da Veolia em Portugal

Os pedidos que recebemos em Portugal para o desenvolvimento de soluções nesta área têm crescido significativamente e o mais interessante é que são cada vez mais integrados – água, energia e resíduos – revelando que a abordagem que as empresas estão a fazer ao tema da economia circular está a ser ambiciosa por um lado e muito responsável por outro. Vejo também várias cidades portuguesas a quererem fazer projetos, a quererem beneficiar da proximidade a parceiros industriais e científicos, o que mais uma vez é a melhor abordagem. Inovação e cooperação são chave para o sucesso da economia circular, que é também fundamental para o projeto de neutralidade carbónica que pretendemos atingir em 2050. Também as cidades não ficam alheias a esta nova realidade, sendo por excelência espaços privilegiados para a formação de sinergias entre empresas e sociedade civil verdadeiramente promotoras da economia circular. Cedo tomámos consciência do real impacto da escassez de recursos naturais num contexto de procura crescente e nesse sentido especializámo-nos em soluções que permitem fechar o ciclo dos materiais, criando uma economia baseada não apenas na recuperação, reciclagem e reutilização de recursos, mas sobretudo uma economia que se está a reinventar. Ao nível das indústrias, acreditamos estar a viver uma nova revolução industrial e a Veolia é hoje parceira de muitas empresas que estão já a implementar a suas próprias estratégias de economia circular, com benefícios ambientais e também económicos. Os bioplásticos

produzidos a partir das águas residuais, resíduos orgânicos transformados em fertilizantes, eletricidade gerada a partir de biogás, são apenas alguns exemplos.



**PEDRO LAGO**  
Diretor de sustentabilidade/ economia circular da Sonae MC

Sem dúvida! Repensar todo o sistema permitir-nos-á criar capital económico, mas também social e natural. Aliás, a atuação da Sonae MC nesta área tem comprovado isso mesmo. A economia circular é um novo modelo que procura maximizar a utilização dos recursos, evitando o desperdício e a poluição e procurando regenerar os sistemas naturais. A sua importância é fácil de explicar: o nosso principal recurso – o planeta Terra – já não é suficiente, e a economia circular é um instrumento fundamental para a sustentabilidade do planeta. No cenário atual de escassez de muitos recursos naturais críticos, de alterações climáticas e de padrões de consumos insustentáveis, a lógica do “take-make-dispose”, em que utilizamos recursos escassos de forma pouco eficiente, tem que ser revertida. Na Sonae MC há uma consciência coletiva do nosso impacto na sociedade, que faz com que sintamos como imperativo adotarmos também um papel de agente de consciencialização e promotor de mudança de comportamentos. Há um esforço muito significativo e equipas internas empenhadas em colocar este tema em cima da mesa e garantir que contribuimos para uma alteração no caminho pouco sustentável em que encarrilámos como sociedade. Porque acreditamos que isso é possível e temos vontade de fazer acontecer. Sendo esta uma área emergente, constitui naturalmente uma oportunidade e uma prioridade, até porque as coisas estão a evoluir muito rapidamente. Há hoje uma consciência política e social muito grande sobre o tema, e a pressão já se faz sentir e far-se-á sentir cada vez mais. Ou seja, para além das motivações endógenas, existem estas duas grandes forças de mudança – a regulação e a vontade do cidadão, nomeadamente enquanto consumidor. Para nós, acompanhar os clientes naquilo que são as suas necessidades e exigências, sempre foi e continua a ser máxima prioridade.



**JOÃO RODRIGUES**  
Country Manager da Schneider Elétric Portugal

Mais do que uma oportunidade é uma necessidade não só para a economia portuguesa, como para todas as

economias mundiais. Na Schneider Electric, olhamos para o modelo circular como uma transformação estratégica global e fundamental sobre tudo o que fazemos, pensamos e utilizamos. Portugal, é disto um bom exemplo. O país está atento e sensível à importância deste tema, sobretudo em atividades económicas em que a questão da sustentabilidade já faça parte integrante do próprio modelo de negócio. É aqui que acreditamos estar parte da solução e é aqui que poderá estar a alteração da mentalidade do desperdício. Se a adoção de um modelo circular consiste num deliberado afastamento do sistema linear, baseado em “extrair, fabricar, descartar” que é, comprovadamente, prejudicial para o planeta e o clima, então o momento de agir é agora. A oportunidade está identificada e à vista de todos os agentes económicos, mas só será realmente uma oportunidade quando conseguirmos aprender a reutilizar os bens e os recursos de uma forma racional e equilibrada pois aqueles que estão ao nosso dispor serão cada vez mais escassos. Esta evolução para a economia circular é absolutamente necessária sobretudo para as empresas, dado que permite poupanças significativas, das quais destaco a poupança nos custos energéticos, mas outras também poderiam ser referidas e em simultâneo promovendo um mundo melhor para a comunidade em que se inserem. A Schneider Electric continua a impulsionar os seus esforços de circularidade através de um conjunto de metas ambiciosas. Em 2021, o Grupo pretende evitar o consumo de 120 mil toneladas de recursos primários e reduzir 120 milhões de toneladas de emissões de CO2 por parte dos seus clientes. Em 2025, o Grupo quer duplicar a quantidade de plástico reciclado nos seus produtos e, até 2030, pretende que 100% da eletricidade das suas instalações provenha de fontes renováveis (em comparação com os 30% de hoje em dia), que 100% dos resíduos sejam reutilizados e que todas as embalagens provenham de fontes recicladas ou certificadas.



**PAULO GRAÇA**  
Diretor Geral  
da Resíduos do Nordeste

A economia circular visa, estrategicamente, a promoção da prevenção, redução, reutilização, recuperação e reciclagem de materiais e energia, dissociando o crescimento económico do consumo de recursos. As vantagens da economia circular são claras quer para o ambiente quer para a economia, na medida em que esta procura maximizar o valor e a utilização de todas as matérias-primas, produtos e resíduos, promovendo poupanças de energia e diminuindo as emissões de gases com efeito de estufa. A nível comunitário, o denominado “Pacote da Economia Circular”, da União Europeia, tem contribuído para

dar maior visibilidade ao papel e à importância do setor dos resíduos urbanos, colocando enormes desafios aos Sistemas de Gestão de Resíduos Urbanos (SGRU), na medida em que aponta para a obrigatoriedade do cumprimento de metas extremamente exigentes de preparação de materiais para reutilização e reciclagem e de diminuição drástica da deposição em aterro. Em Portugal, estando em curso a revisão do Plano Estratégico para os Resíduos Urbanos, a transição para um modelo de desenvolvimento circular deve constituir um momento de viragem para o setor, em prol da prossecução dos objetivos de fortalecimento, sustentabilidade e efetivo crescimento na área dos resíduos.

A economia circular deve constituir-se, deste modo, como uma excelente oportunidade para o País evoluir para um novo patamar de desenvolvimento e crescimento económico, em que o setor dos resíduos assume um papel central, investindo na alteração de paradigmas de gestão de resíduos e na reciclagem, numa cadeia de valor que promove novos modelos de negócio baseados na circularidade da vida útil dos produtos e na partilha de infraestruturas e sinergias que envolvam todos os agentes económicos, desde produtores a consumidores, governo e cidadãos.



**SUSANA FONSECA**  
Membro da Direção  
da Associação ambientalista Zero

A ZERO considera que promover uma economia circular é uma oportunidade e um imperativo, perante os limites impostos pelo próprio planeta e uma população mundial crescente. Dado que Portugal não é autónomo na maioria dos recursos que necessita, a economia circular é a solução mais inteligente pois permite: reduzir a necessidade de recursos através da promoção de estratégias de redução, por exemplo através do ecodesign e mesmo do questionamento da relevância social de alguns produtos e serviços; promover a extensão da vida útil de cada produto através da integração de critérios de durabilidade, reparabilidade e promoção da reutilização; promover a reciclabilidade dos produtos e a integração de materiais reciclados nos processos produtivos. Contudo, é fundamental que Portugal tenha presente que a reciclagem, no contexto de uma economia circular, é já o fim de linha, ou seja, é um elemento fundamental, mas que só deve ser acionado após o trabalho a montante em termos de redução e reutilização, reparabilidade, durabilidade. É fundamental não cair em facilismos de que será possível manter os mesmos padrões de produção e consumo. Que basta promover a reciclabilidade ou a substituição de materiais, por exemplo de origem fóssil por origem natural. Neste momento já

consumimos muito mais recursos naturais do que deveríamos (as alterações climáticas são um resultado claro disso mesmo). A mudança terá que passar, necessariamente, por um enorme trabalho de prevenção do uso de recursos. Infelizmente, o Governo português não tem demonstrado esta visão de mudança, como é possível testemunhar na proposta para consulta pública do plano estratégico para os resíduos urbanos, onde em vez de se focar em promover a economia circular (onde Portugal enfrenta desafios enormes, ao ter que aumentar 35 pontos percentuais na reciclagem, dos atuais 20% para 55% em 2025), está a propôr investir 40% de um orçamento já limitado, na queima de 11% dos resíduos (em total contradição com o previsto no roteiro para a neutralidade carbónica).



**LURDES BRANDÃO**  
Business Developer, Certification  
and Business Enhancement  
da SGS Portugal Group

A economia portuguesa deverá manter uma trajetória de expansão nos próximos anos, apresentando um ritmo de crescimento em linha com o atualmente projetado pelo Banco Central Europeu (BCE) para o conjunto da área do euro. O Produto Interno Bruto (PIB) português atingiu 2,1% em 2018, estando previsto atingir 1,8% em 2019 e 1,7% em 2020. Esta evolução é sustentada no forte desempenho das exportações de bens e serviços, no dinamismo da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e no crescimento do consumo privado, que será, em média, ligeiramente inferior ao crescimento do PIB, segundo o Banco de Portugal. O maior desafio para a economia portuguesa, e se pensarmos a par globalmente no facto de a população estar a crescer, será o de olhar para os recursos, materiais e energia de forma diferente. Deverá basear-se cada vez menos no modelo de economia linear assente no crescimento económico do consumo de recursos e da geração de externalidades negativas ambientais e sociais para uma economia baseada no valor (de longo prazo e com visão sistémica). A evolução sustentada que se ambiciona deverá ser baseada num conceito de Economia Circular, que é restaurativa e regenerativa por princípio, alternativo ao modelo linear de produção e consumo que prevalece atualmente na economia, com o principal objetivo de reorganizar e coordenar sistemas de produção e consumo em circuitos fechados, procurando preservar e aprimorar o capital natural; controlando os recursos finitos e equilibrando os fluxos de recursos renováveis; otimizando o rendimento de recursos fazendo circular produtos, componentes e materiais ao mais alto nível de utilidade durante todo o seu ciclo de vida, tanto no ciclo técnico quanto no biológico; e estimular a

efetividade do sistema revelando e excluindo as externalidades negativas desde o princípio. No futuro, a avaliação do potencial das empresas, a diferenciação no mercado, e o desenho de um bom modelo de negócio estará assente nos princípios de Economia Circular, sendo este motor de diversas oportunidades para a economia, agregando e recuperando valor de modo mais resiliente e sustentável. Não obstante, para que ganhe expressão e consiga atingir todo o seu potencial, a criação de soluções facilitadoras para essa transição, como a aposta numa educação de qualidade, políticas públicas específicas e infraestruturas direcionadas para a circularidade e tecnologias inovadoras, são fundamentais.



**HUGO PEREIRA**  
Head of New Energies  
Division da Galp

Será necessariamente uma área de crescimento continuado, uma vez que o desenvolvimento da economia circular é cada vez mais um fator crítico para qualquer país desenvolvido, dada a concentração da população em meios urbanos e a crescente produção de resíduos. O recurso a soluções primárias como os aterros para o depósito dos resíduos que produzimos não é sustentável – nem aceitável – quando hoje existem tecnologias que permitem gerar valor através da economia circular, com benefícios para a população e para as gerações futuras. É, todavia, necessário que exista maior foco dos agentes económicos, e em especial por parte do legislador, em garantir os mecanismos e incentivos que fomentem estes investimentos. A Galp tem vindo a desenvolver diversas iniciativas na área da economia circular nas áreas ligadas ao seu core business desde 2012, com o arranque da operação da Enerfuel, a 1ª fábrica de biodiesel produzido integralmente a partir de matérias primas residuais. Inicialmente, a principal matéria-prima eram resíduos de gordura animal. Hoje processa igualmente óleos vegetais usados. Esta atividade levou a empresa a olhar para o sector dos resíduos como uma nova fonte de aprovisionamento de matérias primas, desenvolvendo competências internas, procurando parcerias e trabalhando com operadores regionais na otimização da cadeia de valor. O que começou por ser uma necessidade para a sua produção própria, tornou-se hoje um requisito que também exigimos aos nossos fornecedores de biocombustíveis. Em todo o seu supply de combustíveis rodoviários em Portugal a Galp incorporou em 2018 cerca de 7,5% de conteúdo energético renovável (biocombustível), do qual mais de metade proveniente de matérias primas residuais, provenientes da economia circular, o que dá ideia da importância do mesmo para a empresa.



**SOFIA SANTOS**  
Especialista  
em sustentabilidade

A economia circular representa uma grande oportunidade de criação de emprego e de poupança no consumo de bens importados para Portugal. Na realidade, um estudo promovido pelo BCSD Portugal em 2018 e que analisou apenas o potencial da promoção das simbioses industriais, isto é, os resíduos de uma empresa que poderão vir a ser incorporados como matéria-prima noutra, concluiu que o potencial das simbioses industriais em Portugal poderiam gerar 1.300 novos postos de trabalho, 32 milhões de Valor Acrescentado Bruto adicional, uma poupança de 165 milhões de euros em consumos intermédios e uma redução de 5.45 milhões de toneladas de CO2 devido às poupanças efetuadas nos consumos. Tendo em conta que a economia circular é muito mais do que as simbioses industriais, podemos afirmar que a economia circular apresenta uma grande oportunidade de crescimento e de criação de emprego para Portugal. É necessário criatividade e também acesso a financiamento que consiga avaliar corretamente o potencial destes novos negócios. É necessário criar-se um enquadramento que promova a economia circular: quer na iniciativa privada quer na iniciativa pública. Em Portugal, esse enquadramento já existe através do Plano de Ação para a Economia Circular publicado em Diário da República em dezembro de 2017. Este plano identifica um conjunto de ações que devem ocorrer na economia e na sociedade portuguesa e que implicam uma pró-atividade por parte de todos os *stakeholders*. É importante ter presente que a legislação pode ser importante, mas só por si não será suficiente. É sempre necessário que o setor privado encontre oportunidades de mercado para produzir e disponibilizar um bem e serviço circular. Para isso, a legislação é relevante e o acesso a financiamento também. Ao nível da mudança da legislação, atrevo-me a dizer que a potencial revisão do processo de classificação de subprodutos, a alteração dos critérios para fim de resíduo, o desenvolvimento de algum tipo de política fiscal com discriminação positiva poderiam ter impactos catalisadores e positivos.

# the WORLD in 2019

30  
jan  **Altis Belém  
Hotel & Spa**



09h30 Welcome Coffee

10h00 Nota de boas vindas

**JORGE TOMÉ**

Managing Partner, Optimal Investments

10h15 Apresentação – The World in 2019

**IGNACIO DE LA TORRE**

Ph.D. Chief Economist, Arcano Partners

11h15 Mesa Redonda – Cenários Geopolíticos  
e Impacto em Portugal 2019

**JOÃO DUQUE**

Economista  
e Professor Universitário

**CARLOS GASPAR**

Investigador, Instituto Português de Relações Internacionais  
da Universidade Nova de Lisboa (IPRI-NOVA)

**JOÃO MOREIRA RATO**

Economista

MODERADOR: **FILIPE ALVES**

Diretor, Jornal Económico

11h50 Questões da audiência

12h00 Nota Finais

**JOSÉ MARIA RICCIARDI**

Managing Partner, Optimal Investments

12h15 Encerramento

**SOFIA MENDES**

Partner, Arcano Partners

13h00 Almoço Volante

A partir das 10.00 h acompanhe em direto em <https://jornaleconomico.sapo.pt> e redes sociais

Lugares Limitados | Para mais informações: [conferencia@arcanopartners-optimalinvestments.com](mailto:conferencia@arcanopartners-optimalinvestments.com)

**ARCANO** | **optimal**  
INVESTMENTS

Media partner:

**JE** O Jornal Económico